

Manoel de Barros:

Das raízes crianceiras às coisas olhadas de azul

Como homenagear o poeta Manoel de Barros, em seu centenário, sem falar de infância? Sem buscar em seus “achadouros” poéticos os “vestígios dos meninos que fomos” e que, em algum quintal interior, ainda somos? Sem lembrar as muitas infâncias sempre retomadas e reconfiguradas em suas *memórias inventadas*?

Diante dessas reflexões, decidimos apresentar sua poesia a partir da perspectiva da criança e da visão “oblíqua e comungante das coisas”

[...] porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas.

(Manoel de Barros. In: *Memórias Inventadas*.)

As **raízes crianceiras** do poeta alcançam seus leitores e são capazes de recuperar, em todos nós, um pouco das *memórias inventadas* e daqueles quintais maiores que o mundo, onde todos fomos, um dia, apanhadores de desperdícios...

Unindo brinquedos e versos, chegamos às **peraltagens com as palavras**, às reflexões sobre o fazer poético que, na literatura, são denominadas metalinguagem. Afirmando pertencer à “invencionática” mais que à informática, o poeta busca na palavra poética seu “grau de brinquedo”, um estágio que pressupõe o abandono das palavras “fatigadas de informar”. Avança, assim, para os começos, onde o “criançamento” das palavras permite alcançar a poesia como quem alcança a voz das crianças, uma voz de fazer nascimentos.

E quando não conseguimos inventar palavras para partilhar a essência das coisas, a arte pode ser uma aliada bastante eficiente. Foi essa constatação que nos motivou a salpicar iluminuras de Martha Barros por entre os versos do pai. Acostumada a traduzir o universo do poeta em desenhos e pinturas com traços infantis e espontâneos, a artista construiu um trabalho artístico colorido, sensível e livre. Nesse sentido, poesia e arte se complementam, ajudando-nos a descomplicar o mundo.

As **incompletudes** humanas, vistas pelo poeta como nossa maior riqueza, aproximam-nos do ínfimo como grandeza e da natureza como dádiva, já que nos levam a concluir com ele que não temos soberania nem pra ser um bem-te-vi.

Essa impossibilidade de uma coisa ser outra fortalece a poesia, que desafia a razão, reinventando hábitos e identidades. Por exemplo, renovar o homem usando borboletas, substituindo o consumismo gerador de sucatas pelo desejo de árvores e de aves.

A descoberta de que as **coisas** desejam ser **olhadas de azul** ou de ave porque não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis participa da visão comungante e oblíqua das coisas, aquela nascida das raízes crianceiras.

Contra o cotidiano olhar de análise e comparação, queremos evocar, no centenário do poeta, um olhar de comunhão que nos capacite, como ele, a aprender com os pássaros a sermos disponíveis para sonhar...

Roteiro Poético: cores e temas na exposição

Na apresentação desta exposição, deixamos falar a voz do poeta a partir de bricolagens de muitos de seus versos que compõem o acervo e estão identificados nas peças. Usando o mesmo método, construímos um roteiro poético para ajudar o espectador a percorrer a exposição: tanto os títulos quanto os conteúdos são expressões ou versos extraídos de sua obra, integrantes da mostra, que traz as referências de cada um deles.

Para a leitura dos textos, o visitante pode guiar-se pelas cores das fitas. Elas identificam o olhar eleito pela curadoria para apresentar a poesia de Barros ao leitor, dividindo os textos em quatro temas recorrentes em sua poética.

Assim, a infância, *raízes crianceiras*, foi marcada na cor laranja madura como aquela que cai da laranjeira quando passou do ponto de ser colhida. O fazer poético, *peraltagens com as palavras*, foi sinalizado de verde, abrindo caminho para “transições” de ideias desenfreadas, sem limites. A reflexão de cunho existencial e humano, *incompletudes*, está presente nos textos com fitas de um vermelho profundo e intenso, digno da pausa introspectiva que merecem. Por fim, a fita azul-celeste foi predestinada a elevar as *coisas olhadas de azul*, aquelas cujos versos e poemas evocam a subjetividade, a capacidade do eu de dar novo sentido às coisas a partir de seu olhar.

Essa divisão temática não condiciona a leitura dos textos – que podem ser lidos em qualquer ordem ou direção –, nem limita os temas que percorrem transversalmente os versos diversos, apenas se coloca como um referencial do qual podem partir leitores em suas leituras e que oriente possíveis

abordagens do acervo poético por professores com seus alunos em visita guiada à exposição.

Além desses agrupamentos, dedicamos um espaço específico para os versos inspirados nas artes, abordando desde as *formas incorporantes* de Picasso e Braque ao universo onírico de Chagall. Saindo do ambiente “Poesia e Arte”, os “Girassóis”, de Van Gogh, conduzem o olhar aos muitos versos alusivos às flores, pássaros e elementos da natureza, tão amados pelo poeta, convidando a um momento “No Jardim com Manoel”.

Cientes de que a grande riqueza da obra, limitada em nossa mostra pelas condições de espaço e tempo, não nos permitiu abordagem de diversos outros temas e construções poéticas do genial Manoel (o pantanal, os andarilhos, os personagens fictícios de seu vasto imaginário poético – *Sombra Boa, Apuleio* e tantos outros), desejamos que o contato com o acervo exposto seja motivador para a leitura do restante da obra, esse importante patrimônio legado a todos nós pela generosidade e sensibilidade desse poeta brasileiro, homenageado pelo Colégio Loyola em seu centenário.

Amanda Lopes

Isabel Santana

out/2016